

REMEMORAÇÃO E CITAÇÃO EM WALTER BENJAMIN

Georg Otte
UFMG

RESUMO:

Análise de dois conceitos-chave na obra de Walter Benjamin, a rememoração e a citação, e de suas implicações para a relação entre história e texto. A história enquanto texto (narrativa) e o texto em sua história. Questionamento dos conceitos da originalidade e da influência, também no contexto do colonialismo.

PALAVRAS-CHAVE:

Walter Benjamin, História, Rememoração, Citação

Reunir os tópicos benjaminianos da rememoração (*Eingedenken*) e da citação no mesmo contexto pode não ser óbvio à primeira vista. Lembrando, no entanto, que a citação não é apenas uma referência a outro texto, mas uma referência a um texto *de um passado mais ou menos remoto*, esta associação se torna um pouco mais compreensível. A citação, além de servir de elo entre o presente e o passado, evidencia ao mesmo tempo como um autor se posiciona com relação a este passado. Citar é rememorar o passado a partir do ponto de vista específico de um determinado presente.

Nas teses *Sobre o conceito da história* (denominadas a partir daqui apenas de *Teses*), Benjamin situa a rememoração no âmbito religioso (Apêndice

2; 232)¹. Cabe lembrar, no entanto, que a religião – no caso a religião judaica – não pode ser considerada como fundamento do pensamento benjaminiano, mas, na melhor das hipóteses, como uma fonte de inspiração. Benjamin cita a Torá como ele cita também Marx, sendo que estas citações, heterogêneas entre si, não servem para munir a própria posição com o peso de alguma autoridade do passado, mas para evidenciar as analogias que podem existir entre dois contextos diferentes e aparentemente distantes entre si.

As diferenças nas traduções de *Eingedenken*² traduzem a dificuldade dos tradutores em reproduzir um termo alemão um tanto arcaico, escolhido por Benjamin em função do seu significado literal (*ein* = “um” + *gedenken* = “lembrar”). É no capítulo XIII do *Narrador* que Benjamin mostra como a dissecação do termo em seus componentes revela seu sentido literal. Focalizando a sílaba *Ein-*, o que normalmente deve passar despercebido no uso comum da palavra, Benjamin estimula a volta às origens da sua formação proporcionando-lhe, assim, uma maior profundidade semântica:

O que se prenuncia nessas passagens é a memória perpetuadora do romancista, em contraste com a breve memória do narrador. A primeira é consagrada a *um* herói, *uma* peregrinação, *um* combate; a segunda, a *muitos* fatos difusos. Em outras palavras, a *rememoração*, musa do romance, surge ao lado da *memória*, musa da narrativa (...; 211; grifo de Benjamin).

Nas *Teses*, o uso de *Eingedenken* é um pouco diferente, mas não deixa de ser um jogo com o sentido literal do termo: não se trata mais da individualização, da redução a *um* elemento, porém da *união* de dois elementos, no caso de dois níveis temporais diferentes. Não há necessidade de se entrar mais nos pormenores lógicos da idéia do *Eingedenken* – a individualização pode ser resultado de uma união –, o que importa aqui é a acepção específica do termo na obra benjaminiana e sua associação com o mundo religioso. É o retorno cíclico dos dias de festa (ou dos dias santos) que faz com que presente e passado se *unam* em torno de *um* acontecimento: “(...) No fundo, é *o mesmo dia* que retorna sempre sob a forma dos dias de festa, que são os dias da reminiscência (= *Eingedenken*)”. (230; grifo meu)

O *Eingedenken* enquanto recurso na abordagem da história questiona

a posição historicista, o alvo principal das *Teses*. Fruto do Positivismo do século XIX, o Historicismo procura restringir o trabalho do historiador à detecção do fato puro (“positivo”), querendo evitar a adoção de uma lógica que estabeleça uma ligação entre estes fatos e que dê um sentido à história. Se esta posição, por um lado, representa um contrapeso bem-vindo à visão teleológica totalizante de Hegel, ela peca justamente pelo seu positivismo, ou seja, pelo fato de não levar em conta a posição do historiador enquanto sujeito de um determinado presente e de não considerar este presente como parte integrante da história. Por isto, o *Eingedenken* passa a ser um instrumento nas mãos de Benjamin para superar as falhas do Historicismo, uma vez que possibilita o encontro entre o sujeito e o objeto da história. Os dias de festa e sua volta periódica ilustram um princípio que não só proporciona a “redenção” do passado, para usar o vocabulário teológico das *Teses*, mas que, com cada ciclo, torna esta rememoração mais sólida graças ao mecanismo da repetição. É como se a repetição de cada dia de festa deixasse seus sedimentos em torno do acontecimento comemorado, contribuindo assim à construção de uma *tradição* resistente ao perigo do esquecimento.

Também na 15ª *Tese*, Benjamin opõe ao conceito de um passar linear dos anos, em que cada ano novo ‘apaga’ o ano anterior, o ciclo do ano litúrgico com seus dias santos, ou seja, dias de rememoração que criam uma ligação ‘vertical’ com os anos passados. A ambigüidade do *Eingedenken*, como de qualquer conceito cíclico do tempo, consiste no fato de cada dia de rememoração ser novo e velho ao mesmo tempo, de fazer parte de um ano novo e de repetir o mesmo dia dos anos anteriores. O tempo do *Eingedenken* poderia ser representado em forma de espiral que, vista de lado, cresce continuamente, mas, vista de cima, mantém sempre a mesma forma circular. A progressão da espiral, seu crescimento, implica um distanciamento entre dois pontos (entre os dias de dois anos distantes), evidenciando-os como pontos diferentes; a repetição, ao contrário, anula este distanciamento evidenciando a identidade dos mesmos, devido à superposição dentro da mesma espiral. De certo modo, o tópico benjaminiano da superposição é a dobradiça entre a progressão e a repetição, entre a diferença e a identidade. A superposição é um crescimento que, em analogia à já mencionada sedimentação, não segue uma progressão linear que se afasta cada vez mais das suas origens, porém uma progressão vertical que acontece ‘em cima’ de sua origem.³

1. Números simples se referem à paginação de BENJAMIN, 1985.

2. Rouanet traduz *Eingedenken* também por “reminiscência” e Kothe por “comemoração” (Walter Benjamin, 1985.)

3. Cf. a carta de 16/4/38 a Horkheimer, na qual Benjamin faz um esboço do seu trabalho sobre Baudelaire: “A segunda parte desenvolverá, como elemento formal alegórico, a *superposição*, através da qual a antiguidade aparece na modernidade e a modernidade na antiguidade”. (W.B., 1966. p. 751; grifo meu). Cf. tb. a “superposição de camadas finas e translúcidas” no *Narrador*; 206), onde a necessidade da repetição resulta da oralidade da narrativa.

Eingedenken, portanto, não significa simplesmente evocar, isoladamente, a lembrança de um passado, esquecendo-se do próprio presente ou, como Fustel de Coulanges postula, esquecendo-se de “tudo o que se sabe sobre fases posteriores da história” (7ª Tese). Não se trata de conservar o passado num esforço museal de memória, mas de relacioná-lo diretamente com o presente e de reanimá-lo do mesmo modo que o anjo da 9ª Tese quer devolver a vida aos mortos. A “virada copernicana da rememoração” postulada por Benjamin (*Passagens* V, 490; K1,1-3)⁴ acaba com o modelo tradicional que impõe à história uma lógica de causa e efeito e que, menosprezando o presente como um momento transitório e precário, se serve de um “ponto fixo” do passado para apresentá-lo como causa do presente (*Passagens*, V, 490; K2). A “virada copernicana”, contudo, não consiste exatamente numa inversão deste modelo “historicista”. Não se trata de defender o presente em detrimento do passado, mas de valorizar o presente como momento decisivo na compreensão da história. Uma vez que o historiador não tem como se deslocar para o passado, ele é obrigado a analisar as “ruínas” do passado, que, analisadas à luz de um presente em mudança contínua, formam uma “constelação” sempre diferente. É no presente que a “constelação” formada por elementos do passado e do presente “relampeja” e é este relâmpago do presente que “ilumina” (*Passagens*, V, 573; 1a, 2) o passado.⁵ “Virada copernicana” significa, portanto, que não é mais o passado que explica o presente nos termos da causa e do efeito, mas que é o presente que possibilita a compreensão do passado. Ela significa, ao mesmo tempo, que o passado não é mais uma instância imóvel que admite apenas uma única compreensão, mas que, encontrando-se numa relação dialética com um presente em movimento, apresenta aspectos diferentes de acordo com as condições permanentemente alteradas desse presente.

Contrariando as aparências, a rememoração não é um procedimento conservador no sentido de uma preservação do passado, uma vez que não existe um ‘passado em si’, mas apenas um passado visto com os olhos do presente. Relacionando o presente com o passado via ‘verticalização’ e reativando periodicamente este passado ‘velho’ através do enfoque sempre renovado de cada presente, a rememoração não só contribui para uma revisão permanente do passado, mas também para um controle consciente sobre o presente. A força política das *Teses* não reside numa duvidosa defesa de uma posição marxista,

4. Denominaremos de *Passagens* todas as referências à chamado *Obra das Passagens (= Galerías)*: BENJAMIN, 1983. Mantemos a divisão própria do texto como ela foi criada pelos editores.

5. A primazia do presente sobre o passado também foi defendida por Nietzsche: “É só a partir do presente que podéis interpretar o passado; só na maior concentração das vossas qualidades mais nobres adivinhareis o que é digno de saber, digno de ser conservado e grande”. NIETZSCHE, 1874.

mas no fato de Benjamin questionar a idéia da continuidade. O Marxismo, uma vez que também foi usado para justificar a continuidade de um sistema repressivo, facilmente se teria tornado alvo da crítica benjaminiana.

A idéia do *Eingedenken* lança mais uma luz na questão do sujeito no pensamento benjaminiano. Mesmo questionando o ideal iluminista da soberania do sujeito, Benjamin não o vê condenado à total passividade, transformado num simples brinquedo da história. O sujeito benjaminiano não é passivo, porém mais ‘modesto’, no sentido de não ser mais a instância que, além de reconhecer o sentido da história, seria capaz de moldar esta história conforme uma finalidade projetada. Em concordância com os pressupostos teológicos das *Teses*, o sentido preexiste ao sujeito, fazendo com que o *Eingedenken*, que se volta para o passado, impeça que o sujeito se afaste deste sentido. Não se trata de um deslocamento para o passado à maneira historicista; também não há nenhuma necessidade de deslocamento, pois existem sinais indicando que o passado, de alguma forma, continua presente:

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera.⁶ Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso. (2ª Tese)

O “encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa” não é resultado de algum esforço de “nossa” parte, por parte do sujeito. Não fomos “nós” que marcamos esse encontro, mas ele já tinha sido marcado pela própria história, ou seja, a possibilidade para esse encontro se realizar preexiste à nossa existência. Benjamin acumula uma série de imagens para deixar claro que a verdadeira continuidade da história não é garantida pela imposição subjetiva e arbitrária de um conceito linear, mas pela presença contínua do “sopro do ar”, dos “ecos” e das “irmãs”, que sobrevivem ao passar do tempo e possibilitam a “redenção” do passado quando relacionado com o presente. Os acontecimentos do passado se passam num determinado lugar e, uma vez que ‘têm lugar’, deixam

6. Na sua tradução, Flávio R. Kothe manteve o voz passiva do original alemão: “Então fomos esperados sobre a terra.” [p. 155]

af seus vestígios permanentes. Estes vestígios, as “ruínas da história”, não são apenas sinais do desaparecimento dos acontecimentos, mas, metonimicamente, também da sua sobrevivência. Dependendo do ponto de vista, o vestígio, como testemunho material de algum objeto ausente, sinaliza tanto a perda deste objeto quanto a possibilidade de sua evocação por um sujeito.⁷

Estando a possibilidade desse encontro no “sopro de ar” e nos “ecos de vozes”, a tarefa do sujeito ‘modesto’ na verdade é aparentemente simples, limitando-se a registrar este sopro e em dar ouvido a estas vozes que veiculam um “apelo” vindo do passado. Nossa “frágil força messiânica” consiste em não deixar despercebidos as vozes do passado e de identificá-las como vestígios, como pistas para este passado. Não se trata apenas de “redimir” as “gerações precedentes” do esquecimento, mas a “redenção” também diz respeito à geração presente, que não escapará “impunemente” à obstrução do acesso ao próprio passado. A redenção, portanto, não se limita a um resgate do passado, mas se refere também à disposição do presente de receber os sinais do passado, como se passado e presente fossem fragmentos de um todo anteriormente inteiro.⁸ Daí tanto a “espera” do passado por um presente que revele suas “correspondências” com ele, para usar o termo baudelairiano que se tornou importante para Benjamin, quanto a necessidade de uma “humanidade redimida” no presente, para esta “apropriar-se totalmente do seu passado” (3ª Tese).

Esta revelação se apresenta na forma de uma imagem (5ª Tese) e é a tarefa do historiador, o ‘sujeito especializado’, por assim dizer, “fixar” esta imagem (6ª Tese) à maneira de um fotógrafo. Sem dispor de uma teoria à qual os fatos históricos poderiam se alinhar, seu recurso principal é a “presença de espírito” (*Geistesgegenwart*) que lhe permite tomar conhecimento dos fatos. Não havendo teoria, os fatos também não podem servir para confirmar ou refutar uma determinada teoria preconcebida, porém são eles mesmos que, num dado momento, revelam suas afinidades mútuas e acabam se reunindo numa

7. O tópico benjaminiano do vestígio é apenas uma das ocasiões em que se evidencia a proximidade de Benjamin com a psicanálise de Freud. A manifestação concreta na presente são apenas fenômenos de superfície, “índices” que apontam para um passado que continua em vigor enquanto inconsciente. Outra afinidade com Freud estaria na fato de o indivíduo (o historiador) poder impor uma determinada “lógica” ao passado, falsificando-a posteriormente. Cf. os comentários de BOLZ (1992, p. 30/1): “Freud havia feito uma descoberta igualmente fantástica uns vinte anos antes [de Benjamin], a de que existe uma relação inversa entre o acontecimento vivido na realidade e a lembrança. [...] É exatamente a isso que Benjamin se refere quando diz que *a posteriori*, na nossa atualização, as imagens históricas ganham uma concretude maior da que no tempo em que os acontecimentos realmente ocorreram. Abreviando, poder-se-ia dizer que o modelo freudiano da ulterioridade é a modelo benjaminiano da concretude histórica”.

8. Como BOLLE (1992, p. 20) aponta, este encontro do passado com o presente nada mais é, para Benjamin, que a momento da ‘leitura’ do passado: “O índice histórico das imagens não diz apenas que elas pertencem a um determinado tempo, mas, sobretudo, que só se tornam legíveis num determinado tempo”. Cf. também a comparação que Benjamin fez entre a imagem da história e a chapa fotográfica; a revelação desta última também é posterior ao momento em que a foto foi tirada. (É uma coincidência, pelo menos das línguas românicas, que “revelação” é ao mesmo tempo um termo teológico.)

“constelação”.⁹ Daí a importância do cronista em registrar cada fato ‘puro’ do presente (porém portador de algum “índice misterioso”), fornecendo ao historiador a ‘matéria prima’ e tornando os fatos “citáveis”:

O cronista narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é *citável*. (3ª Tese; grifo meu).

Como no caso do *Eingedenken*, a “citação” do passado significa a aproximação de algo distante e, do mesmo modo que o *Eingedenken* pressupõe necessariamente uma certa distância para esta aproximação se tornar um fato digno de nota, o efeito da “citação” histórica consiste na junção de duas épocas tão distantes como a Roma antiga e a Revolução Francesa, que “se via como uma Roma ressurrecta. Ela *citava* a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo”. (14ª Tese; grifo meu). Como no caso da citação textual, os dois momentos aparentemente distantes se complementam de maneira surpreendente, pois não há nenhuma continuidade linear que pudesse “explicar” o parentesco entre estas duas épocas separadas por dois milênios. O efeito peculiar da citação histórica parece consistir justamente no fato de, apesar de a época citada provir de um contexto alheio ao contexto histórico atual, ela se integrar inesperadamente bem neste contexto, superando o efeito isolador da distância temporal. O mesmo pode ser observado no caso da citação textual, na qual o fragmento citado, mesmo sendo, aparentemente, um corpo estranho para um determinado contexto e mesmo interrompendo o fluxo da sua argumentação, paradoxalmente contribui para uma melhor compreensão do texto interrompido. O processo da citação acaba complementando o texto através de um fragmento alheio a ele, mostrando que, de certa maneira, alguma coisa do texto já foi dita em outro lugar e em outra época. Numa espécie de *déjà vu*, o novo texto se “apropria” da citação assim como o presente do historiador se apropria de um fragmento do passado, sendo que esta apropriação não parte de um ato voluntário do autor do texto. A síntese inesperada entre o fragmento citado e o texto presente é um indício para o fato de este último não ser inteiramente novo, assim como o texto citado não ser

9. Cf. minha tese de doutorado (OTTE, 1994, p. 100), onde procura mostrar que a visão benjaminiana da história tem um caráter *estético* que se opõe às diversas teorizações da história. A tendência de Benjamin de não separar claramente o plano ontológico da epistemológico, os fatos em si do conhecimento dos fatos pode servir de argumento em favor da minha posição.

'coisa do passado'. Através da citação, o texto do passado dá provas da sua presença permanente, que não é o resultado de algum esforço de memória; o fragmento citado é a materialização de um parentesco subliminar, um vestígio, que sempre existiu e preexistiu ao autor do texto. Este autor, numa postura semelhante à do historiador, espera o acaso da citação, o *déjà vu*, para relacionar o texto presente com um texto anterior. Em outras palavras: também entre textos existe a promessa de um "encontro secreto" (2ª Tese), um potencial de afinidades que se concretiza graças à "presença de espírito" do autor, cujo papel consiste em "fixar" as afinidades existentes, que, evidentemente, vão muito além do próprio fragmento citado.

Há uma certa ambigüidade no uso do próprio verbo "citar", uma vez que "citar" um texto não significa citá-lo em sua integridade, mas apenas um fragmento dele. Por outro lado, a citação não se limita à repetição literal de algum fragmento, mas 'chama', via metonímia, todo o texto de origem do qual foi extraído. Citar um determinado texto é, na verdade, evocá-lo através de um determinado fragmento, a citação é um "vestígio" que leva o leitor ao texto integral. O fragmento da citação, sendo parte de um todo, traz consigo todo o texto de origem, em analogia à *madeleine* proustiana que traz consigo toda a infância do protagonista. E da mesma maneira que o catalisador da *mémoire involontaire* é uma impressão sensorial por um lado bastante trivial, por outro lado de extrema raridade (pela combinação ou "constelação" acidental de dois fenômenos bastante triviais, no caso do gosto da *madeleine* e do gosto do chá de tília), o fragmento usado na citação de um texto não reproduz necessariamente alguma essência do texto em questão. O fragmento não precisa ser um concentrado do texto de origem; basta que se trate de algum "extremo-singular"¹⁰ que não deixe dúvida sobre sua proveniência, representando-o de maneira precisa, como a singular combinação da *madeleine* com o chá de tília representou, ou seja, tornou novamente presente o mundo da infância do protagonista proustiano.

A ambigüidade do verbo "citar" pode ter sido um dos motivos pelos quais Benjamin recorreu à comparação com a citação textual para elucidar sua idéia do "encontro" entre duas épocas da história. Pois é justamente a dualidade metonímica na relação entre o fragmento literalmente citado e totalidade evocada que produz o jogo entre a proximidade e a distância como ele já foi observado na ocasião da rememoração. O fragmento em si, implantado com uma aparente arbitrariedade no novo con/texto, o interrompe, provocando um "choque" de distanciamento devido à sua singularidade. No entanto, é o próprio estranhamento

que impele tanto o leitor quanto o historiador à procura do parentesco escondido na 'bagagem' do fragmento, ou seja, à descoberta da verdadeira proximidade. A interrupção aparentemente destrutiva do con/texto presente se transforma na construção de uma nova totalidade maior, construção esta que exige um leitor-historiador atento e ativo. A passividade inicial do sujeito é substituída pela atenção aguçada da "presença de espírito".

A totalidade maior, contudo, só pode ser encontrada quando a citação unir dois textos com 'os mesmos direitos', ou seja, quando se trata da coordenação de dois textos e não da subordinação de um ao outro. A citação 'mal feita', na perspectiva benjaminiana, seria aquela que *não* interrompe o fluxo linear do texto no qual é inserida, ou seja, que tem a única função de confirmar a argumentação linear desenvolvida no texto, de dar-lhe mais 'fluidez' interna e de inseri-lo, ao mesmo tempo, na cadeia de uma tradição textual. Esta subordinação da citação ao texto atual é apenas a inversão da subordinação contrária, onde o texto tem a função de apoiar uma posição consagrada, contida numa "citação autoritária"¹¹. "Coordenação" de dois textos significa, por um lado, que estes textos possuem uma certa autonomia, mas, por outro, que revelam seu parentesco devido à possibilidade de um citar o outro. O "choque" provocado pela coordenação de dois textos autônomos e pela 'invasão' de um no outro pode causar um certo estranhamento por parte do leitor, mas este choque, à primeira vista negativo, é logo compensado pela descoberta de relações múltiplas entre os dois textos em questão. Cada texto citável, portanto, carrega seu "índice misterioso" que, como no caso das épocas passadas da história, permite a formação de "constelações" com outros textos. Do mesmo modo que o fragmento citado re-presenta (= torna novamente presente), via metonímia, um determinado texto do passado, este mesmo texto, na verdade, é o fragmento de uma totalidade maior, que permite que os textos possam entrar em combinações infinitas.

Levando-se em conta o fator do tempo e a distância temporal entre os textos, pode-se dizer que cada texto desta totalidade *repete*, de alguma forma, um texto anterior e que a citação é apenas a explicitação de uma das muitas conexões possíveis que evidenciam as afinidades intertextuais. A criação de textos novos que, em termos temporais, significa um distanciamento e isolamento entre cada um de seus exemplares, deve ser antes vista a partir da perspectiva de um *espaço textual*, ou seja, como ampliação de uma totalidade simultânea. A partir deste ponto de vista, o acréscimo de qualquer texto não significa mais uma prolongação da cadeia textual, da tradição literária, mas a integração num

10. Tradução literal de *das Einmalig-Extreme* do original de *Origem do drama barroco alemão* (BENJAMIN, 1984. p. 215).

11. ARENDT, 1986. p. 50.

corpo textual, que permite a abertura de relações complexas com outros textos já existentes, inclusive com os mais antigos. Dentro desta totalidade, a distância temporal perde seu caráter negativo, no sentido de separar dois textos, e aumenta o efeito surpreendente provocado pela aproximação repentina e inesperada através da citação. Do mesmo modo que o relampejar da imagem da história abre o espaço da história, a citação revela a existência do “espaço literário”.

A citação, portanto, não resulta de um esforço de lembrar simplesmente um determinado texto do passado ou de resgatar autores antigos do esquecimento, mas da “rememoração” do encontro intertextual, ou seja, da possibilidade de todos os textos se *unirem* nos termos da coordenação ou justaposição. A citação, como Benjamin a imagina, nada mais é que o primeiro passo rumo à montagem de cunho surrealista, à coordenação pura, que abdicou do texto intermediário e das explicações autorais e autoritárias para alinhar uma citação ao fluxo do texto. Da mesma maneira que a citação não deve ser apenas enquadrada no fluxo de um determinado texto (porém interrompê-lo), o próprio texto, como unidade menor em relação à unidade maior de uma tradição textual, não deve ser enquadrado numa determinada linha de tradição que defina as coordenadas a serem seguidas. Romper com a tradição, ou seja, com o *continuum* textual seria o primeiro passo para possibilitar a presença de textos antigos e sua eventual coordenação com os textos do presente. Em analogia ao esforço benjaminiano de garantir a “presença do passado no presente”¹² na história, a citação tem a função de evidenciar a presença dos textos do passado nos textos do presente, sendo que os primeiros não ‘explicam’ os últimos, mas entram em comunicação com eles.

Para que esta comunicação possa acontecer no ato da leitura, o conhecimento dos textos antigos é necessário, porém não suficiente. Uma coisa é conhecer o passado através dos dados fornecidos pelo “cronista”, outra coisa é ser atento ao seu “índice misterioso” que pode ter correspondência com um presente receptivo a este índice. As famosas redescobertas literárias como p.ex. de Góngora pela *Generación de 27* na Espanha ou de Sousândrade pelos Concretistas brasileiros certamente levaram estes poetas antigos ao conhecimento de muitos leitores; a razão mais profunda para estas descobertas, porém, foi a ‘presença’ destes poetas antigos no presente. Eles não foram lembrados no intuito de providenciar antecessores literários para a própria produção, mas se impuseram, de certa maneira, aos poetas mais recentes que não são os sucessores diretos, epígonos dos poetas mais antigos, mas ‘ampliadores’ do trabalho iniciado

pelos antigos.

O próprio Benjamin dá outro exemplo para este fenômeno quando, na *Origem do drama barroco alemão* fala em “analogias surpreendentes”¹³ entre o Barroco e a literatura alemã de sua época, o Expressionismo. Benjamin localiza a “atualidade do Barroco”¹⁴ principalmente num esforço linguístico (um exemplo é a criação de neologismos), que responderia a necessidades comuns às duas épocas em questão. Sem se esquecer da “grande diferença”¹⁵ entre estas épocas, sua literatura pode ser vista como “expressão” de dois tempos históricos que se caracterizam por analogias mútuas. Para que estas épocas e suas literaturas se aproximem, a época anterior deve ser “citada” do mesmo modo que Robespierre citava a Roma antiga (*14ª Tese*) e o expressionista Werfel citava o autor barroco Opitz.¹⁶

O princípio da citação, que engloba o caso das redescobertas literárias, não questiona apenas o conceito de uma história literária linear, mas torna problemática, também, a idéia da originalidade. O Expressionismo não se via como um Neo-Barroco que se esforçaria, a partir de uma posição conservacionista, a dar continuidade a um Barroco original e autêntico. No entender de Benjamin, a redescoberta não é uma imitação feita em dependência de um modelo anterior, mas é um fato *a posteriori*, ou seja, só depois de ter se formado e de ter desenvolvido uma certa autonomia, o Expressionismo pôde descobrir suas afinidades com o Barroco. Da mesma maneira que a melhor citação é aquela que ‘ocorre’ só depois de se ter iniciado o texto, o *revival* de um autor antigo se torna mais notável quando os autores do presente, que o descobriram e o citam, já possuem uma certa autonomia. Esta autonomia é facilitada por um período de latência ou de esquecimento entre as duas épocas relacionadas pela redescoberta, pois é esta falta de continuidade que impede uma relação de dependência: “Para que uma parte do passado seja atingida pela atualidade, não pode haver nenhuma continuidade entre eles.” (*Passagens*, V, 587; N7,7) Uma vez descoberto o parentesco entre as épocas, a redescoberta relativiza tanto a singularidade e originalidade do autor antigo, quanto as dos autores contemporâneos. O fascínio que a “atualidade” inesperada de um autor mais antigo pode causar a uma determinada geração de autores se deve justamente ao esquecimento temporário deste autor, ou seja, à substituição da distância

13. Op.cit. p. 234.

14. BENJAMIN, 1984. p. 77.

15. Op.cit. p. 78.

16. Op.cit. p. 77.

12. Jeanne-Marie Gagnebin, no prefácio da edição brasileira das obras de Benjamin.

pela proximidade repentina, como ela já foi constatada para a citação textual. Não se trata mais do culto a um autor-modelo, cercado por uma “aura” inviolável, para usar o termo-chave de Benjamin, mas de complementar uma obra que apenas foi iniciada, cronologicamente, por um autor antigo e que pode ser enriquecida com as particularidades da época atual.

Sem entrar ainda em discussões teóricas da Literatura Comparada, cabe frisar aqui a importância das idéias benjaminianas para reflexões comparativistas, principalmente em torno da questão da influência. Esta questão se torna especialmente problemática, quando o critério da influência é usado para ‘explicar’ uma obra pela outra nos termos da causa e do efeito, ou seja, quando a obra posterior apenas é vista em dependência da anterior ou da ‘original’. Dentro dessa perspectiva, a obra atual sempre aparece com um estigma de inferioridade quando comparada com alguma obra original que estaria no início da cadeia literária. Paralelamente ao conceito teológico da história, que tem como início a Criação original, tudo que é posterior a esse modelo primordial não só está ‘sob sua influência’, mas acaba sendo desvalorizado. A questão ganha um peso especial no caso das colônias e ex-colônias como o Brasil¹⁷, onde a discussão dessa questão se tornou um lugar comum nos manuais de história literária. No contexto do colonialismo, a história literária pode ser vista como apenas uma parte de uma história de dependência, que, devido ao seu caráter linear e à imposição de uma determinada estrutura de poder, não permitiu a formação de unidades autônomas, transformando os autores das colônias em epígonos da literatura da metrópole ou então em poetas marginais quando não se alinhavam às exigências dos modelos impostos. Além de sofrer as consequências econômicas e sociais, inerentes a qualquer colonialismo, a colônia tem que arcar com a implantação de um passado alheio. Se a colonização pelo passado, como Benjamin a questiona, pode ser um peso no mesmo país, o transplante deste passado para outro continente se transforma, às vezes, num espetáculo grotesco.¹⁸

A questão do colonialismo é apenas um exemplo que ilustra a importância das reflexões benjaminianas em torno da história e da “virada copernicana”, evidenciando que a opressão colonialista não é apenas uma questão do espaço geopolítico, mas também do tempo histórico e que a emancipação político-cultural das colônias não passa apenas pela independência da colônia

17. Cf. RAMOS (1992/93, p. 49), onde a autora alerta para uma visão demasiadamente restrita que reduz a questão da influência à dicotomia originalidade versus plágio. A idéia do “chão cultural comum” neutraliza esta dicotomia e relativiza a suposta superioridade do modelo.

18. SCHWARZ, 1987, p. 93.

em relação à metrópole, mas também pela independência do presente em relação ao passado. A citação livre do passado pressupõe que o presente não seja considerado como resultado de um determinado passado, mas como lugar autônomo de sua permanente reavaliação.

ABSTRACT:

Analysis of two key concepts in the work of Walter Benjamin, memory and quotation, and of their consequences for the relationship between history and text. History as text (narrative) and text in its history. The concepts of originality and influence, also in the context of colonialism.

KEY WORDS:

Walter Benjamin, History, Memory, Quotation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Gesammelte Werke [Obras reunidas]*. Ed. por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt/Mena: Suhrkamp, 1980.
- _____. *Briefe [Cartas]*, 2 vols. Frankfurt: Suhrkamp, 1966.
- _____. *Das Passagen-Werk*, Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1983.
- _____. *Origem do drama barroco alemão*. Trad., apresentação e notas: S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ARENDT, Hannah. *Benjamin, Brecht*. München/Zürich: Piper, 1986.
- BOLZ, Norbert; KONDER, Leandor. É preciso teologia para pensar o fim da história? Trad. de G.B. Sperber. In: *Revista USP* 15, p. 24-37, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Unzeitgemäße Betrachtungen [Contemplações intempestivas]*. Leipzig, 1874.
- OTTE, Georg. *Linha, choque e mônada: tempo e espaço da obra tardia de Walter Benjamin*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1994. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada).
- RAMOS, Maria Luiza. Documento e fantasma em *O Ateneu*: uma reflexão sobre a questão da influência. In: *Ensaios de Semiótica* 26, 1992/93.
- SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: *Tradição e contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Funarte, 1987.
- Walter Benjamin. Org. Flávio R. Kothe. S. Paulo: Editora Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).